

ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DO AMBIENTE DO PORTO

Ao dia 19 do mês de maio de dois mil e vinte e três, reuniu pelas dezasseis horas, nos Paços do Concelho do Porto, o CMA – Conselho Municipal do Ambiente, composto pelos representantes dos respetivos membros identificados na lista anexa à presente ata e que dela faz parte integrante – Anexo I, devidamente convocados para o efeito.

PERÍODO DA ORDEM DO DIA

1 – Ata anterior aprovada pelos presentes - Ata do CMA de 16 de dezembro de 2022.

2 – Apresentação do projeto “Caldeiras vivas” (Eng.º António José Silva), lançado há meio ano e recentemente instalado.

António José Silva explicou que os espaços verdes são muito importantes pois aumentam os corredores ecológicos, a biodiversidade e para as reduções de cotas de carbono. Considera que o Porto está bem representado, no que respeita a espaços verdes – 22 m2 por habitante. Para além disto, o município tem um papel importante nas árvores que a cidade tem apresentado recentemente no regulamento do arvoredo. À data de hoje temos, aproximadamente, 66495 de árvores plantadas na cidade, sendo que 12 mil são em área de arruamento, estando colocadas por isso em caldeiras. As áreas de arruamento representam 48 mil m2.

António José Silva apresentou os benefícios de uma árvore no ambiente urbano. “Quando falamos de árvores falamos de mitigação das alterações climáticas”.

Referiu que, é com base de estudos de compactação do solo que se avança para o projeto “Caldeiras Vivas”. Esclareceu que este projeto chama-se “Caldeiras Vivas” porque é um projeto aberto, dinâmico. O objetivo é: adaptabilidade das espécies ao meio; diminuir o problema que temos no solo, a compactação; diminuir o risco de erosão; aumentar a permeabilidade; aumentar o coberto vegetal para repor humidade; aumentar o sequestro de carbono;

“Queremos trabalhar maioritariamente com espécies autóctones”. Mostrou algumas imagens na sua apresentação, que permitiram ver o estado das caldeiras no Porto e as zonas prontas para receber os estudos.

À data de hoje a área de intervenção é de 3246m².

Foi feito um estudo para perceber o que existia ao nível de caldeiras na cidade. Depois, numa segunda parte, foi feita uma lista daquilo que é autóctone e dividimos por diferentes estudos com um conjunto de espécies – e foi ainda feito um plano florístico. “Com a nossa equipa definimos e preparamos todos os terrenos”. “Os resultados que temos hoje assentam nos resultados a que a cidade esteve sujeita, a não ser a preparação do solo não houve rega, não houve qualquer tipo de fertilização”, referiu António José Silva.

Depois disto passado algum tempo os resultados estavam visíveis. António José Silva mostrou o desenvolvimento das espécies em algumas caldeiras da cidade e mostrou alguns exemplos concretos na sua apresentação (ex. caldeiras junto ao cemitério Agra Monte, Rua D. Pedro V, Rua Fernão Magalhães, entre outros).

“Queremos olhar para a cidade e percebermos o que podemos melhorar para termos uma caldeira “cheia”. Deu exemplo de algumas limitações: As zonas de passagens juntas a pequenas paragens nota-se. “Queremos corredores verdes, dinâmicos, articulados com os polinizadores, aos auxiliares”, concretizou.

No fim da apresentação, o Vereador Filipe Araújo deu os parabéns à equipa deste projeto.

José Luís Araújo, Representação da OPE – Deu os parabéns e questionou se o estudo é replicável em espaços de ajardinamento. Sugeriu que esta metodologia poderia ser aplicada em espaços maiores. Exemplo de um espaço em Campanhã, junto ao TIC.

O Vereador Filipe Araújo reforçou que “só uma mudança de paradigmas é que pode levar a essa gestão de cidade e lembrou que terminou com o glifosato. Devemos ter espaço para tudo”.

Helena Maia, representante do Partido Socialista - Felicitou pelo corredor verde na cidade. Questionou o porquê da Junta do Centro histórico não ter sido envolvida.

António José Silva esclareceu que, precisavam de mais tempo para perceber o que iriam necessitar para aquela área, do Centro Histórico.

Paulo Farinha Marques, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto acrescentou que não conhecia o projeto, e que considera que vale a pena explorar as plantas autóctones, e não há cultura de biodiversidade porque as pessoas estão afastadas da cultura.

António José Silva deu nota que, a escolha das espécies foi tida em conta, e feitas à medida para nós.

Tiago Mayan, Presidente da Junta de Freguesia da União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde referiu que, percebeu no terreno do que está a acontecer e gostaria de comunicar à população o que está a ser feito, nomeadamente a opção de não usar glifosato. Considera que este projeto e o plano de arborização, apresentado ontem, deviam ser apresentados à população.

Filipe Araújo esclareceu que, a equipa deste estudo está à disposição para melhorar a comunicação e o tipo de informação. “Atualmente, temos uma população pouco informada sobre aquilo que é a biodiversidade. Estamos todos preocupados com o planeta, mas desde que não seja “not in my backyard”, referiu o Vereador. Quanto à informação deste plano informou que, será dada através de nota pública do que o município está a fazer e se vai trabalhar nas restantes caldeiras, que depois de descobrir a melhor metodologia, se poderá expandir para o resto da cidade. A gestão de 12 mil árvores em caldeira implica uma gestão desse território: “é muito fácil olhar para os hectares desse território de um jardim e tratá-lo e, já o mesmo, não acontece com as caldeiras. É mais difícil tratar das caldeiras por serem espaços fragmentados. É uma gestão de cidade, que temos vindo a trabalhar. Essa gestão está muito mais virada para conseguir ter corte e “deservagem” aplicada à cidade e isso envolve passeios, envolve caldeiras etc., mas nós não queríamos que essa deservagem, esse ónus, de manutenção fosse tratada apenas como um corte, como homem-máquina, para tratar do território”, declarou Filipe Araújo. O Vereador considera que é possível ter vegetação, que as pessoas conseguem conviver, sem achar

que o espaço público está maltratado, durante mais tempo e exonerar o município desse papel, gerindo assim melhor assim as caldeiras da cidade.

Pedro Viana, Associação Campo Aberto referiu que, “Julgo que a pessoa olha para como um espaço verde como abandono”. Considera que, a informação tem de ser local. Ex: uma placa a dizer que aquele local está assim intencionalmente.

Isabel Martins acrescentou que é necessário dispersar a nível particular. O papel da Câmara tem muito que ser de dar o exemplo.

Manuela Guimarães – “Devemos envolver as populações nestas iniciativas. As pessoas têm de perceber o que está a ser feito”. Deu exemplo de uma cidade Belga para referir que deveriam existir mais iniciativas de sustentabilidade para envolver a população. Acrescentou que, gostaria de saber se na Av. Da Boavista vai existir arborização, dadas as obras do metrobus.

Filipe Araújo esclareceu que, haverá árvores de um lado e de outro, nas caldeiras, da rotunda da Boavista até ao Castelo do Queijo.

Roque Brandão, Vice-Presidente do ISEP – Deu o exemplo do que se passou no ISEP, que acabaram com o glifosato no Instituto e têm uma vasta área verde. Referiu que há uns anos colocaram sinalética com informação à comunidade sobre as áreas verdes do instituto, e julga que essa medida funciona para manter a população interessada e envolvida nesta matéria. “É preciso comunicar”, concluiu.

Cristina Santos – Questionou se na primeira parte da Avenida (da Rotunda até à Marechal) vai ter alguma ciclovia?

Filipe Araújo - referiu que, neste momento, existe uma via partilhada.

António José Silva – referiu reforço sobre o projeto Caldeiras Vivas, que é uma iniciativa recente, de 8 de março e é necessário perceber ainda o desenvolvimento do mesmo, saber por exemplo, quais são as espécies que se vão adaptar; garantir as alturas ideais de corte. “São dois meses de trabalho que têm de ser desenvolvidos com mais tempo, para perceber a dinâmica que temos ali”, concluiu.

Tiago Mayan, Presidente da Junta de Freguesia da União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, lançou o desafio à Câmara do Porto de criar com este projeto um “show case”.

3 – Ponto de Situação *Xylella Fastidiosa*

Foi feita uma apresentação pelo **Eng.º José Franco** da atual e atuação do município no combate *Xylella fastidiosa*, no concelho do Porto.

Informou que a mesma apareceu em 2019 em Gaia e depois, passados alguns meses, em Campanhã. “Nós assumimos aquilo que estava na legislação, mas a certa altura percebemos que poderíamos fazer desaparecer o património mais importante vegetal, as árvores”. Claro que tudo o que era positivo era removido.

José Franco fez um pequeno enquadramento sobre o que é a *Xylella fastidiosa* e porque é tão temida. Informou que foi detetada no Viveiro Municipal. “A CMP considera que a zona do Porto deve ser de contenção e não irradiação”.

Filipe Araújo referiu que no Porto praticamente não se pratica agricultura. “Nós lidamos com o problema com conhecimento”.

Paulo Farinha Marques – Há questões que só podem ser resolvidos com estudos, dando o exemplo do Sobreiros da FEUP.

Nuno Oliveira – Em Portugal, por *Xylella fastidiosa* poucas árvores morreram. Temos de conviver com a *Xylella*. Devemos apostar na coevolução da bactéria. Não faz sentido nenhum o abate.

Professora Cláudia Fernandes, Faculdade de ciências – “Precisamos de a estudar e não abater”.

4 - Apresentação de Projeto “Os Polinizadores do Parque Oriental”; Projeto BUGS – Paisagem e Biodiversidade (Projeto apresentado pela Professora Cláudia Fernandes).

Professora Cláudia Fernandes apresentou o projeto fazendo uma breve nota do declínio dos polinizadores e as suas múltiplas causas e aquilo que é necessário fazer para combater essa mesma situação. “O que trago aqui hoje, é o contributo daquilo que pode ser também os espaços verdes para ajudar a esta causa”, referiu.

Cláudia Fernandes explicou aos presentes os antecedentes deste projeto de investigação científica com um duplo objetivo: estudar e preparar mistura de sementes exclusivamente à base de espécies nativas, que fossem promotoras de insetos polinizadores e preparar misturas de sementes de espécies nativas, que tivessem um efeito muito específico na atração de insetos auxiliares para o combate a pragas.

O projeto foi desenvolvido com a Câmara Municipal, com uma experiência piloto, no Parque Oriental. “Tivemos de adaptar os objetivos iniciais do projeto, abandonar a preparação de mistura de sementes pois seria um processo muito longo, mas perceberam que poderiam fazer uma experiência piloto com os revestimentos que existiam no parque e perceber de que forma, com uma gestão diferenciada dos revestimentos herbáceos, poderíamos promover melhores condições de abrigo e de alimento para os invertebrados”, esclareceu Cláudia Fernandes.

O projeto foi desenvolvido em 3 momentos: 1) avaliação das condições do Parque Oriental para receber este projeto – através de inventários florísticos, perceber toda a morfologia do parque e como as pessoas usavam o espaço. 2) depois sobrepondo essa informação delimitaram áreas para essa gestão diferenciadas, monitorizando, em paralelo, a comunidade de invertebrados e na última etapa 3) estabilizando regimes de corte, que deixamos às equipas que fazem a manutenção do parque.

Na apresentação mostrou alguns resultados, nomeadamente que conseguiram inventariar cerca de 200 espécies, por quase 70 famílias e que a maioria desta diversidade está em espécies de ciclos curtos, plantas que todos os anos produzem sementes e cumprem um ciclo de vida completo. Deu nota ainda que a grande maioria desta diversidade é autóctone, cerca de 90% destas espécies são nativas. Dentro dos 10%, das espécies exóticas, só uma percentagem muito pequena é de espécies invasoras.

“A tendência quando cortamos menos vezes temos mais insetos. Os charcos no parque são fundamentais para a biodiversidade”, referiu Cláudia Fernandes.

Com o estudo sobre a utilização do Parque chegamos a cinco regimes de corte, sendo que na mata é proposto a ausência total de corte. Para as outras quatro

vai desde uma frequência de corte muito reduzida, no máximo dois cortes por ano, podendo até ser reduzido a um único corte por ano. Este corte centra-se numa faixa que acompanha todo o Rio Tinto porque é aí, que as condições para o desenvolvimento dos insetos, com a proximidade da água, são melhores. Depois explicou os restantes cortes, com áreas em que o mesmo se faz uma vez por mês e onde as famílias usam mais o parque como espaço de lazer um corte mais intensivo (zonas de clareira).

Depois mostrou na apresentação algumas das imagens das áreas que referiu, mapeadas.

Com este projeto pretendeu-se também criar literacia sobre polinizadores aos usuários do parque, através de sinalética no local, mostrando todo um conjunto destes animais, que não se resumem só a abelhas.

Neste estudo conseguem ter amostragem de invertebrados, nas diferentes áreas, com regimes distintos de corte, para assim perceber o impacto desta frequência de corte na diversidade e na abundância de insetos.

Neste estudo também deixam propostas de plantas de manutenção por época (meses do ano) para as equipas de jardinagem.

A questão da informação e sensibilização foi também muito importante neste estudo – através de placas informativas, colocadas em locais estratégicos.

Cláudia Fernandes conclui a apresentação referindo alguns inquéritos que fez aos utilizadores do parque e a algumas crianças sobre polinizadores.

Filipe Araújo considera que, “o desafio para a equipa técnica é grande. A nossa postura é capacitar os técnicos. Nós hoje formamos os nossos jardineiros. Só assim mudamos o paradigma.”

Pedro Viana – Campo Aberto – Pensaram na diferenciação temporal? Corte mensal? A CMP tem um plano para estender este plano a outras zonas?

Pedro Farinha Marques considera que o desafio é o Verão e o lixo.

Filipe Araújo referiu que quer continuar o trabalho e expandir para outros locais. “Também nos preocupa o facto de não conseguirmos manter zonas arbustivas

porque podemos ter ali zonas de lixo concentrada e não temos RH suficientes para a recolha”.

5 – Cinco anos da Porto Ambiente

Filipe Araújo apresentou resultados da empresa municipal. “As principais atividades da empresa passam por gestão de resíduos urbanos, ecocentros, trabalhamos muito na questão da sensibilização ambiental, a limpeza do espaço público. Esta empresa teve um percurso que nos deixa muito orgulhosos porque desde a formação da empresa até às metas que ela tinha para cumprir de acordo com os planos nacionais, até aquilo que é a comparabilidade de outros temas, nós tivemos um percurso não só de atingir, mas como superar as metas”, referiu o Vereador.

A empresa municipal foi reconhecida pela entidade ERSAR como tendo qualidade. Em 2020 a empresa obteve logo esse reconhecimento. Foi ainda eleita a melhor do sistema a nível nacional, num curto espaço de tempo.

Filipe Araújo referiu que, o número de colaboradores da empresa vai aumentar porque vão internalizar a limpeza do espaço público, que era até agora feita por uma empresa externa de serviços, por uma questão financeira. Filipe Araújo referiu ainda que pretende aumentar o número de colaboradores do sexo feminino.

Em termos de indicadores financeiros, o Vereador referiu na sua apresentação que, o dinheiro que é pago pela tarifa é o dinheiro que é necessário para gerir o sistema. Este é um exemplo muito fora do vulgar. Não se passa isto na maioria do país.

A recolha dos equipamentos é efetuada por cerca de 74 rotas que percorrem todos os dias mais de 3 000 kms pelo município do Porto. A Porto Ambiente dispõe ainda de serviços de recolha porta-a-porta no setor residencial e comercial e de serviços gratuitos de recolha ao domicílio de Objetos Fora de Uso (OFU's) e Resíduos Verdes.

Considerou duas vertentes importantes no setor comercial: Fiscalização Ambiental e Formação Ambiental. “Antes de multarmos fazemos uma ação de sensibilização. Fazemos um esforço enorme na limpeza do espaço público,

nomeadamente na limpeza de fachadas. Já temos meios mecânicos para a limpeza de praias. Em breve todos os contentores terão pedais”.

O sistema porta a porta residencial não é aplicável a toda a cidade. É em habitações unifamiliares, o único sítio onde é comportável fazer. Tem uma taxa de separação muito elevada.

“37% dos resíduos que produzimos em nossa casa são orgânicos. Temos de o reciclar para crescer substancialmente na reciclagem”, referiu o Vereador. O Vereador referiu ainda o projeto de recolha de resíduos orgânicos, e que até ao final de 2023 a cidade vai ter 100% de cobertura de orgânicos, destacando-se de outras cidades europeias e cumprindo a meta europeia.

Os ecocentros são menos conhecidos, é onde se podem deixar todos os monos, baterias e estão abertos inclusivamente ao domingo.

“Onde a empresa tem apostado mais são nos pedidos ao domicílio, que são gratuitos, através da linha porto. Já não existe a Ecolinha”, conclui Filipe Araújo.

Nada mais havendo a tratar, o Presidente do Conselho Municipal do Ambiente, Filipe Araújo agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a sessão pelas dezoito horas e trinta minutos, da qual se lavrou a presente ata.

O Presidente do Conselho Municipal do Ambiente do Porto



Filipe Araújo

CONSELHO MUNICIPAL DO AMBIENTE
Folha de Presenças – 19 de maio 2023

INSTITUIÇÃO	NOME	Assinatura
Nomeado CMP	Paulo Farinha Marques	
Nomeado CMP	Isabel Branco Martins	
Nomeado CMP	Ana Monteiro de Sousa	
Convidado Academia	Roque Brandão	
ARPPA – Ass. Reg. Proteção Património Cultural	Dulce Marques Almeida	
CAMPO ABERTO	Pedro Viana	
FAPAS	Nuno Oliveira	
NDMALO	Manuela Guimarães	
QUERCUS	Célia Vilas Boas	
OLHO VIVO	António Joaquim Luz	
FORESTIS	Rosário Alves	
AMO Portugal – Associação Mãos à Obra	Carlos Evaristo	
OPE - Organização para a Promoção dos Ecoclubes	Joana Santos-Silva	
Zero –Ass. Sistema Terrestre Sustentável	Joaquim Peixoto	
Rui Moreira: Aqui Há Porto - RM	Miguel Barbosa	
Partido Socialista - PS	Helena Maia	
Partido Social Democrata – PSD	Silvia Lopes Soares	
Coligação Democrática Unitária - CDU	Rui Sá	
Chega	Alexandra Melo	

Bloco de Esquerda - BE	Miguel Semedo	
Pessoas-Animais-Natureza – PAN	Cristina Santos	
Junta de Freguesia de Campanhã	Paulo Ribeiro	
Junta de Freguesia do Bonfim	João Aguiar	
Junta de Freguesia de Paranhos	Luis-Seabra / <i>Tomas Nota</i>	
Junta de Freguesia de Ramalde	Patricia Rapazote	
União de Freguesias Aldoar, Foz e Nevogilde	Tiago Mayan	
União de Freguesias do Centro Histórico do Porto	Nuno Cruz	
União de Freguesias Lordeio do Ouro e Massarelos	Sofia Maia	
CCDR-N - Direção de Serviços de Ambiente	Manuela Novais	
Pelouro do Ambiente	Filipe Araújo	
Pelouro do Urbanismo	Arq. Susana Bettencourt – repres.	
Porto Ambiente, EM	Luis Assunção / <i>Heloisa Pereira</i>	
Agência de Energia do Porto	Rui Pimenta	
Águas e Energia do Porto, EM	Ruben Fernandes	
Departamento Municipal de Espaços Verdes e Gestão de Infraestruturas	Gabriela Leite	
Departamento Municipal de Planeamento e Gestão Ambiental	Pedro Pombeiro	
Direção Municipal de Desenvolvimento Urbano	Susana Bettencourt	